

O SUS

Por Aloísio Brandão, jornalista do CFF e editor da revista "Pharmacia Brasileira"

As duas gestões como presidente do Conselho Nacional de Saúde (CNS), instância máxima de deliberação das políticas públicas de saúde, no Brasil, deram ao farmacêutico **Dr. Francisco Batista Júnior** uma compreensão profunda e crítica do emaranhado que é o Sistema Único de Saúde (SUS). A revista PHARMACIA BRASILEIRA o convidou para uma entrevista que tem por tema os 30 anos da promulgação da Constituição Federal, em 5 de outubro de 1988, e o SUS, uma das pétalas de nossa Carta Magna. Francisco Batista foi eleito presidente (2006 a 2009) do CNS e reconduzido ao cargo pela unanimidade dos seus membros.

Potiguar de Pau-dos-Ferros, município de 30 mil habitantes, **Dr. Francisco Batista Júnior** graduou-se farmacêutico pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e fez pós-graduação em Farmácia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Atua no Hospital Giselda Trigueiro da rede SUS do Estado e representa o Conselho Federal de Farmácia (CFF) nas comissões intersetoriais de Recursos Humanos e Relação do Trabalho e a de Orçamento e Financiamento do CNS.

PHARMACIA BRASILEIRA

- Dr. Francisco, em linhas gerais, como era a saúde pública, no Brasil, antes e depois da Constituição de 1988, que acaba de completar 30 anos?

Dr. Francisco Batista Júnior - Até a promulgação da Constituição Federal de 1988, nós não tínhamos exatamente um sistema de saúde como conhecemos, hoje, mas, sim, uma rede de serviços hospitalares, ambulatoriais e laboratoriais que atendia a parcela da população brasileira que estava direta-

te inserida na economia formal, com sua Carteira de Trabalho devidamente registrada e contribuindo para o sistema previdenciário, ou sendo coberta pelos institutos de seguro que abarcavam estratos definidos da população.

Quem não estava identificado com esses setores, automaticamente, ficava dependendo da boa vontade e dos serviços que atendiam, também, essa clientela, notadamente, as casas de misericórdia, sem qualquer segurança e perspectiva

de direito a ser reivindicado e garantido. Com a aprovação do Sistema Único de Saúde (SUS) na Constituição Federal e a sua posterior regulamentação, através de sua lei orgânica, a saúde passou a ser considerada como um direito a ser garantido, de forma universal, em todos os serviços da rede pública, nas três esferas de governo, de forma integral e não apenas nas ações assistencialistas e curativas, mas também de prevenção das doenças e de promoção da saúde, de forma plena.



Farmacêutico Dr. Francisco Batista Júnior, ex-presidente do Conselho Nacional de Saúde

Batista Júnior deu esta entrevista à revista PHARMACIA BRASILEIRA, em que fala de pontos nevrálgicos do SUS, como o seu processo de construção permanente, o financiamento, os serviços prestados pelo farmacêutico no Sistema, entre outros. **Veja a entrevista.**



Fotos do arquivo do Ministério da Saúde, publicadas em "O SUS em fotos"

PHARMACIA BRASILEIRA - Segundo o próprio Ministério da Saúde, o SUS é "um sistema ímpar, no mundo, que garante acesso integral, universal e igualitário à população brasileira, do simples atendimento ambulatorial aos transplantes de órgãos". Se o SUS fosse criado, hoje, haveria espaço para esses princípios que norteiam o Sistema?

Dr. Francisco Batista Júnior - A proposta do SUS, pelo seu caráter totalmente transformador, é o que consideramos como uma proposta contra-hegemônica, exatamente, por ferir poderosos interesses econômicos, sociais, corporativistas e políticos que historicamente se beneficiaram com a realidade es-

tabelecida, até o seu surgimento. Não temos a menor dúvida de que sua aprovação aconteceu, a partir de uma conjunção histórica de fatores muito difícil de se repetir.

Assim é que nos beneficiamos do fim do regime autoritário e do conseqüente clima de volta da liberdade e da redemocratização, de uma crise econômica e social que afetava duramente a população brasileira, dos debates na Assembleia Nacional Constituinte e da volta da mobilização de setores organizados importantes na sociedade brasileira, em que o movimento pela reforma sanitária pontificava pelo acúmulo de debates e propostas construídas, ao longo dos anos.

PHARMACIA BRASILEIRA - O SUS vem sofrendo um processo de desfinanciamento ou subfinanciamento progressivo, com a falta de recursos. Isto pode esgotar a sua sobrevivência? Pode comprometer os princípios da universalidade de acesso aos serviços de saúde em todos os níveis de assistência, a integralidade e a igualdade da assistência? Como resolver o problema?

Dr. Francisco Batista Júnior - Eu tenho sido uma voz um tanto quanto destoante no debate do (des)financiamento do Sistema Único de Saúde. Não há qualquer sombra de dúvidas de que temos um sistema subfinanciado. Sob qualquer ótica que analisarmos, esta é uma verdade cristalina. Eu tenho chamado a atenção para o aspecto qualitativo desse debate. Tenho afirmado que, além de termos um financiamento insuficiente, denuncio que aquilo que temos é mal utilizado. Na verdade, muito mal utilizado.

No plano mais geral, os gestores têm desobedecido as linhas mestras de construção do Sistema, optando pelos caminhos que, além de criarem situações de enorme dificuldades para a sua viabilização, tornam o financiamento cada vez mais insustentável. Assim, a maior parte dos recursos é destinada para a atenção especializada, terciária e quaternária, cara e dispendiosa, em

“É na rede do SUS que o cidadão usuário encontra todos os profissionais que compõem a equipe multiprofissional em saúde e onde ele se sente respeitado e valorizado nos seus direitos básicos, mesmo que saibamos das dificuldades que são enfrentadas e até mesmo dos erros que são cometidos

(Dr. FRANCISCO BATISTA JÚNIOR, FARMACÊUTICO, EX-PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE).



detrimento da atenção básica, bem mais barata e humanizada, o que gera uma demanda impossível de ser atendida em sua plenitude, enquanto cresce, em progressão geométrica, exatamente pela falta da resolutividade desse nível de atenção que, bem estruturado, poderia resolver pelo menos 70% dessas demandas.

Por outro lado, além de priorizar a atenção especializada de alto custo, em detrimento da atenção básica, os gestores têm optado pela contratação de serviços privados que atendem, na forma de contratos individualizados e por procedimentos realizados infinitamente mais caros e dispendiosos, ao invés de estruturar a rede pública com a perspectiva de atendimento com porta aberta universal.

PHARMACIA BRASILEIRA

- Países onde há sistemas universais de saúde, como Canadá, França, Reino Unido e Suíça, investem no setor de 6 a 8 vezes mais que o Brasil. Ainda assim, 77% dos brasileiros consideram o atendimento no SUS bom, ótimo ou regular, de acordo com pesquisa Datafolha encomendada pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) e divulgada, no dia 27.06.18. Como explicar o resultado da pesquisa?

Dr. Francisco Batista Júnior - Primeiro, é de bom alvitre afirmar, ainda, na linha da pergunta anterior, que um financiamento vultoso não garante necessariamente um sistema incluyente e resolutivo. Todos os países que têm sistemas de saúde reconhecidos e aprovados por seus povos, além de aplicar um montante bastante razoável de recursos, primam por ações

de prevenção da doença e promoção da saúde, reconhecem e valorizam o trabalho da equipe multiprofissional e têm um sistema majoritário e prioritariamente público, dependendo pouco dos serviços privados.

O país que mais investe em saúde, no mundo, são os Estados Unidos, que tem, no entanto, mais de 40 milhões de patrícios excluídos do sistema. Isso acontece exatamente em função do modelo que eles adotam, altamente especializado, curativista e totalmente privado. Logo, mais recursos não significam obrigatoriamente um sistema de saúde melhor, mas, sim, recursos e modelo de atenção e de sistema.

Quanto aos bons índices de aprovação obtidos pelo SUS nas pesquisas que são realizadas, não surpreendem para quem, como nós, trabalhamos diariamente na ponta do Sistema. A verdade é que aquilo que o SUS realiza, em todo este imenso País, está muito além das dificuldades que enfrenta e que são insistentemente mostradas pela mídia.

A obra que o SUS realiza, tanto do ponto de vista da saúde, como do social, não tem paralelo, em nenhum país do mundo. É, na rede do SUS, que o usuário encontra, desde o atendimento mais simples, até o mais especializado. É, no SUS, que ele encontra todos os profissionais que compõem a equipe multiprofissional em saúde; é onde ele se sente respeitado e valorizado nos seus direitos básicos.

PHARMACIA BRASILEIRA

- Trinta anos depois de sua criação, quais são as outras dificul-



dades enfrentadas pelo SUS? Fala-se em problemas na gestão. Que problemas são esses? Como saná-los?

Dr. Francisco Batista Júnior - O SUS, mais do que qualquer outra política pública, tem sido vítima da ação predatória do corporativismo e do patrimonialismo de atores políticos travestidos de gestores que, na prática, implementam ações e diretrizes que fragilizam cada vez mais o Sistema. São formas de se apoderar financeira e politicamente da gerência dos serviços e da gestão do Sistema.

O SUS não pode ficar refém do gestor ou do partido político que ganhe as eleições. Muito raramente, é designado para o cargo de gestão alguém que conheça e que tenha uma história de construção do Sistema. Geralmente, é alguém indicado por um partido ou por um político que apoia o governo.

PHARMACIA BRASILEIRA

- A Constituição de 1988, chamada de *Constituição Cidadã* pelo "Grande Timoneiro" Dr.

Ulysses Guimarães, então presidente da Câmara e da Assembleia Constituinte que elaborou a Carta Magna, inaugurou um novo tempo na saúde do Brasil. A Constituição acertou em tudo em relação à saúde? Ao SUS? Falhou em alguma coisa?

Dr. Francisco Batista Júnior - A Constituição Cidadã de 1988 foi a mais avançada que já tivemos, no País. Os capítulos destinados às questões sociais são fundamentais e garantidores de muitos avanços conseguidos pela sociedade brasileira, desde então. Numa situação normal, a Constituição deveria ser bem mais geral e deixar os detalhes para serem regulamentados na legislação ordinária. Autoritário e excludente, o Brasil tem uma triste tradição de injustiça social. Exatamente, em função de não termos a tradição do garantismo, através do arcabouço jurídico legal, é que muito do que foi escrito na Constituição deveria ser matéria desse arcabouço.

Mesmo assim, e por se tratar de uma cláusula pétrea fundamental para a viabilização do SUS, entendo que não ter garantido o caráter eminentemente público/estatal do Sistema, foi decisivo para enfrentarmos todas as dificuldades que enfrentamos. Para mim, os interesses privados têm norteado os destinos do SUS em todos os seus eixos estruturantes e isso, *per se*, é total e absolutamente incongruente com uma ideia de sistema de saúde que se propõe universal e integral. São absolutamente incompatíveis. Nisso a legislação ordinária não deu conta nem conseguiu dar um norte.

PHARMACIA BRASILEIRA - O farmacêutico tem papel preponderante no SUS, principalmente, na prestação de cuidado à luz da farmácia clínica. Tanto é que o livro “As Redes de Atenção à Saúde”, do professor e sanitarista Eugênio Vilaça Mendes, um dos idealizadores do SUS, prevê, como condição

básica para o sucesso da reestruturação do Sistema, a inclusão no mesmo da farmácia clínica. Com tantas compreensões favoráveis, porque o Ministério da Saúde demorou tanto em incluir os serviços farmacêuticos no SUS?

Dr. Francisco Batista Júnior - O Ministério da Saúde, em suas sucessivas gestões, nega-se a implementar as ações farmacêuticas em sua plenitude, porque seus técnicos reproduzem o senso comum e a visão conservadora que não compreende a saúde e muito particularmente o Sistema Único de Saúde como uma obra a ser edificada e construída por todos os profissionais que compõem a equipe multiprofissional em saúde.

Não há a menor sombra de dúvidas de que a disponibilidade da equipe multiprofissional na rede promoveria uma verdadeira revolução no atendimento e na resolutividade, mas os gestores, também, são produto dessa cultura conservadora médico-centrada que tem definido os equivocados caminhos do SUS, no Brasil.

Para termos mais claro isso, é suficiente fazermos uma avaliação criteriosa e percebermos que, onde e quando ações, políticas e serviços de assistência farmacêutica foram instituídos e implantados, os resultados falam por si. Em vários municípios e estados da Federação, temos experiências nessa área que são exemplos de ações bem sucedidas, com resultados e impactos importantíssimos na saúde, na vida das pessoas e no País. Nosso desafio está em convencer os gestores que, pela importância que encerram, elas devem ser a regra, não a exceção.

“ O SUS, mais do que qualquer outra política pública, tem sido vítima da ação predatória do corporativismo e do patrimonialismo de atores políticos travestidos de gestores que, na prática, implementam ações e diretrizes que fragilizam cada vez mais o Sistema

(DR. FRANCISCO BATISTA JÚNIOR, FARMACÊUTICO, EX-PRESIDENTE DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE).

